



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

COMPORTAMENTO DA VOGAL PRETÔNICA /E/ NA FALA DE
PORTUGUESES DAQUI E D'ALÉM MAR

Cíntia do Nascimento Costa

Rio de Janeiro
2021

CÍNTIA DO NASCIMENTO COSTA

COMPORTAMENTO DA VOGAL PRETÔNICA /E/ NA FALA DE
PORTUGUESES DAQUI E D'ALÉM MAR

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof. Doutora. Eliete Figueira
Batista da Silveira

RIO DE JANEIRO

2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

CÍNTHIA DO NASCIMENTO COSTA

115042490

COMPORTAMENTO DA VOGAL PRETÔNICA /E/ NA FALA DE
PORTUGUESES DAQUI E D'ALÉM MAR

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Eliete Figueira Batista da Silveira – Pres. da Banca Examinadora
Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Fabiane M. G. R. T. R Nascimento

Fabiane de Mello Vianna da Rocha Teixeira Rodrigues do Nascimento
Professora Doutora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

NOTA: 8,5

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:

Fabiane M. G. R. T. R Nascimento

Costa, Cíntia do Nascimento.

Comportamento da vogal pretônica /e/ na fala de portugueses daqui e d'além mar/Cíntia do Nascimento Costa – 2021.
39 f.

Orientador: Eliete Figueira Batista da Silveira.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 39.

1. Sociolinguística. I. Costa/Cíntia II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021 III. Comportamento da vogal pretônica /e/ na fala de portugueses daqui e d'além mar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.2 Quadro vocálico do PB.....	6
2.3 O quadro vocálico do PE.....	8
3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	11
4. METODOLOGIA.....	16
4.1 Lócus de pesquisa	16
4.2 O corpus	17
5. ANÁLISE.....	19
5.1 ANÁLISE PERCENTUAL.....	19
5.2 REGRESSÃO LOGÍSTICA.....	25
6. CONCLUSÃO.....	31
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
8. ANEXOS	34

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que aqui se propõe tem em análise a realização das vogais pretônicas, que é uma característica diferenciadora do português brasileiro e do português europeu. No primeiro, há a tendência à manutenção da média como *p[e]ssoas*; no segundo, nota-se o alteamento da média *e*, também, o cancelamento pretônico como *pøsssoas*. Além disso, encontra-se o interesse de análise nas realizações das vogais pretônicas de portugueses, que tiveram seu contato inicial com o português europeu e, por motivos migratórios, vivem no Brasil e possuem, já por muitas décadas, o contato com o português brasileiro.

O Brasil recebeu grande número de imigrantes, livres ou forçados. Estima-se que milhões de africanos foram trazidos como mão-de-obra escrava até o século XIX. Finda a escravatura, alemães (1824 a 1972) e italianos (1850) vieram como imigrantes livres e formaram parte da ocupação da região sul como força de trabalho nas plantações de café, respectivamente. No entanto, ainda que tenham grande parte no crescimento do país, nenhum deles contribuiu da mesma forma que os portugueses. Segundo Barbosa (2003, p.), em seu texto *‘Um panorama histórico da imigração portuguesa para o Brasil’*, “o constante fluxo de imigrantes portugueses para o Brasil e a importância desse fenômeno para o desenvolvimento do país modelou a nação brasileira de um modo diferente de qualquer outro grupo”. Ocupando a maioria das posições administrativas, os portugueses formavam, durante o período colonial, a maior parte da população livre do país. Além de posições administrativas, constituíram-se como grande grupo proprietário de terras. Barbosa (2003, p.) complementa sobre os movimentos migratórios no Brasil:

pode-se considerar que o Rio de Janeiro – sendo a maior cidade do Brasil e tendo uma maior importância econômica e política – teria atraído o maior número de imigrantes. Na verdade, durante o período de 1822 a 1850, o Rio de Janeiro absorveu a maior parte de todos os emigrantes portugueses chegados ao Brasil.

E assim sucedeu até meados do século XX, sendo os portugueses a maior parcela da população imigrante no estado. Ainda em Barbosa (2003), calcula-se que, até 1920, 39% de todos os portugueses *registrados* viviam na cidade do Rio de Janeiro.

Dentre os diversos bairros da cidade que receberam imigrantes portugueses, o bairro de Jacarepaguá tornou-se um dos mais influenciados por esse processo, contando com grandes comunidades portuguesas, já estabelecidas no período colonial, como o caso da família de Francisco Pinto da Fonseca Telles, tenente, que em 1889 foi outorgado por D. Pedro II como Barão da Taquara, cuja casa ainda resiste e foi tombada como patrimônio histórico da região. Outros portugueses vieram ao Rio de Janeiro, a fim de se estabelecerem e encontrarem condições melhores de vida, constituindo ao longo do tempo comunidades portuguesas, como o “Portugal Pequeno”.

Tendo esse contexto histórico como plano de fundo, este trabalho visa a investigar a realização da vogal /e/ por falantes portugueses residentes no Brasil, em comparação à produção dessa vogal por falantes portugueses de Portugal, a fim de observar: i) as diferenças de realização dos dois grupos de falantes; ii) menor variação [e] ~ [i] dos portugueses migrantes do que dos europeus; e iii) os condicionamentos sociais e linguísticos que favorecem a manutenção de [e]. Como hipóteses, entende-se que: i) haja diferenças na realização da vogal média /e/ em posição pretônica daqui e d’além mar, uma vez que os falantes residentes em Portugal já apresentam maior tendência ao alteamento e ao cancelamento fonético (BATISTA DA SILVEIRA, 2014; AVELHEDA BANDEIRA, 2019) e uma conseqüente desestruturação do padrão silábico (*prfssores* por *professores*; *frida* por *ferida*), ii) ao passo que portugueses no Brasil tenderão a manutenção da vogal média e, conseqüentemente do padrão CV. Entende-se, então, que os portugueses residentes no Brasil conservam a norma de uso com preservação da estrutura silábica (CV), em comparação com os portugueses de além mar em cuja fala já se observam o alteamento mais frequente e o cancelamento da vogal pretônica.

A base teórica que servirá de apoio para esta pesquisa é a Sociolinguística Variacionista postulada por Weinreich, Labov e Herzog, na obra *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, publicada em 1968 e Labov em seu livro *Padrões Sociolinguísticos*, publicado em 1972. Segundo a Teoria da Variação e Mudança, aqui abordada, variação corresponde a duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa. Parte do pressuposto de que a língua é inerentemente variável, ou seja, a variação está prevista na gramática/competência do falante. Em função disso, a língua muda e, mesmo assim, os falantes continuam se compreendendo, podendo as formas em competição: a) coexistirem continuamente, b) a forma inovadora se sobrepor à conservadora ou c) a forma conservadora se sobrepor à forma inovadora. Isso significa que toda mudança

linguística implicou um momento de variação, mas nem toda variação gerará uma mudança.

Pretende-se com o primeiro capítulo, fazer revisão sobre o vocalismo em posição pretônica no português brasileiro, a partir das obras de Câmara Jr (1978), Callou & Leite (1995), Cunha & Cintra (2001), Bisol (2003) e Avelheda (2013), e no português europeu nos estudos de Mateus & Andrade (2000).

O segundo capítulo propõe-se a explicitar os fundamentos teóricos em que se baseiam esta pesquisa: Sociolinguística ou Teoria da Variação e Mudança, conforme postulam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), contando com uma breve revisão dos *Estudos de linguagem*, de Saussure à Noam Chomsky, cujas correntes são conhecidas como o estruturalismo e o gerativismo, respectivamente. Esta revisão se apresenta como necessária, ao analisarmos em caráter comparativo, o que foi previamente dito e o que foi proposto para inovar os estudos de linguagem. Por exemplo, ambos (estruturalismo e gerativismo) desconsideram os fatores extralinguísticos (históricos, sociais, ideológicos etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto que é a língua. Além disso, consideram que o sistema a ser descrito pela linguística é uma construção *homogênea*; logo, não são consideradas as *variações* comuns da fala sobre os elementos da língua, ou seja, desconsideram o fato de que a heterogeneidade está prevista no sistema linguístico. Por esses motivos, Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]), e mais tarde, somente Labov (1972), em *Padrões Sociolinguísticos*, questionam e propõem uma nova perspectiva sobre a estrutura das línguas, e especialmente sobre os fenômenos da *variação* e da *mudança linguísticas*.

A metodologia aqui adotada constitui o terceiro capítulo, preocupando-se em contextualizar o lócus escolhido para a pesquisa, a saber, a região de Jacarepaguá, cujo respaldo histórico, supracitado, serve de base para as hipóteses. Foram escolhidos dentre o lócus dois informantes portugueses: 1 masculino e 1 feminino, pertencentes à terceira faixa etária – acima de 56 anos, moradores de Jacarepaguá há mais de três décadas. A título de comparação de ocorrências, foram escolhidos dois falantes portugueses, residentes de Lisboa, estes retirados do projeto CORPORAPORT, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As informantes femininas escolhidas possuem nível escolar fundamental e os falantes masculinos, o nível médio. Utiliza-se, para análise, a metodologia da sociolinguística que prevê que os fenômenos variáveis são condicionados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Consideram-se, nesta pesquisa, os seguintes

fatores linguísticos: *tipo de vogal presente na sílaba seguinte, contexto fonológico subsequente e estrutura silábica*. No que tange aos fatores extralinguísticos, *sexo, idade e escolaridade* foram os principais elencados.

O quarto e quinto capítulos, quiçá os mais importantes e minuciosos desta pesquisa, analisarão os resultados da coleta, a codificação das ocorrências de /e/ em posição pretônica, unindo-se à teoria, previamente abordada, da Variação e Mudança. Por fim, chegam-se às conclusões a partir da análise e verificação das hipóteses - se estas foram ou não confirmadas - e as contribuições da presente pesquisa para estudos linguísticos futuros.

Desse modo, espera-se que esta pesquisa contribua para os estudos de linguagem, principalmente a Sociolinguística, podendo, futuramente auxiliar pesquisas e reflexões mais específicas sobre o *contato dialetal* entre o PB e o PE.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Quadro vocálico do Português Brasileiro

Tratando-se do sistema vocálico do Português Brasileiro, Câmara Jr. ([1970], p. 39) descreve como muito mais complexa a língua oral, em oposição com a escrita (que consta cinco vogais regulares), pois na oralidade existem “sete fonemas vocálicos e múltiplos alofones”. Este sistema da Língua Portuguesa (a europeia e brasileira), segundo o pesquisador, seria mais complexo que o sistema hispânico, que possui menos contrastes e mais consistências, apesar de serem línguas com grandes semelhanças. A complexidade se deve à quantidade maior e mais variável de traços como o timbre vocálico. Sobre o timbre vocálico, na pronúncia “cultura” brasileira, Câmara Jr. ([1970], p. 40) cita Franco de Sá ([1915], p.180) ao dizer que “as cinco letras ou vogais têm três variedades de timbre, que ele chama respectivamente ‘aberto’, ‘fechado’ e ‘surdo’”. Esta classificação persiste até os dias atuais, embora o termo “surdo” tenha sido substituído pelo termo “reduzido”, na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Acerca dos traços distintivos, que para Câmara Jr. constituem os verdadeiros interesses de pesquisa sobre as vogais portuguesas, afirma que a “intensidade” da vogal, acompanhada pelo “tom” (elevação da voz) são as perfeitas condições para distingui-las e classificá-las, ressaltando que na posição tônica se observam com maior nitidez e plenitude os traços vocálicos. Por esse motivo, “a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica” ([1970], p. 41). Assim, seguindo o modelo de sistema vocálico triangular de Trubetzkoy ([1929], p. 39s), a classificação articulatória das vogais é composta por três parâmetros: altura da língua, avanço e recuo da língua e arredondamento dos lábios. Com base nisso, Câmara Jr. (1970, p.) faz a seguinte disposição das vogais em posição tônica:

Quadro 1: Posição tônica do PB - 7 vogais

Altas	/i/		/u/
Médias altas	/e/		/o/
Médias baixas	/ɛ/	/ɔ/	
Baixa		/a/	
	anteriores	central	posteriores

Ainda sobre o contexto vocálico na posição tônica, Câmara Jr. considerou que a vogal sucedida por uma consoante nasal resultaria em um quadro reduzido (de 7 para 5 vogais), com uma variante posicional [â], como na seguinte disposição:

Quadro 2: Posição tônica com consoante nasal na sílaba seguinte

altas	/i/	/u/
médias	/e/	/o/
baixas	/a/	
	/â/	
	anteriores	central posteriores

Sobre a distinção de significados entre os fonemas, há o fenômeno da neutralização que acontece quando dois ou mais fonemas que se opõem em determinado contexto – no caso, a posição tônica – mas, quando em outro contexto, o traço distintivo perde sua funcionalidade no sistema linguístico, ou seja, se anulam. Este fenômeno ocorre entre vogais médio-baixas e vogais médio-altas em sílaba pretônica. Câmara Jr. ([1970], p. 43) utilizou-se da oposição de significado, em posição tônica, entre os substantivos *forma* (com /o/ tônico) e *forma* (com /ɔ/ tônico), e apontou que em posição pretônica, no caso do adjetivo derivado *formoso*, essa oposição se perderia. Sendo assim, pela neutralização - ou pela perda da função distintiva entre os traços que diferenciavam as médias /ɛ, e/ e /ɔ, o/ - o quadro vocálico reduz-se a cinco vogais no contexto pretônico, como vemos no tópico a seguir.

2.2 Quadro vocálico pretônico do PB

Câmara Junior (1977, p. 59) propõe o quadro de sete vogais na posição tônica e aponta a existência de neutralizações nas posições átonas. Das átonas, considera as pretônicas as menos fracas em relação à tonicidade, observando o desaparecimento das oposições entre as médias anteriores /ɛ/ e /e/ e entre as médias posteriores /ɔ/ e /o/, gerando uma neutralização, o que resulta, segundo a visão estruturalista, em arquifonemas /E/ e /O/ e na redução da série a cinco vogais, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3: posição pretônica do PB - 5 vogais

altas	/i/		/u/
médias	/E/		/O/
baixas		/a/	
	anteriores	central	posteriores

Callou; Leite (1995, p. 55) apontam para o caráter diatópico da neutralização, observando que “os subfalares que neutralizam em /ɛ/ e /ɔ/ os contrastes /e/ e /ɛ/ e /o/ e /ɔ/, respectivamente, constituiriam o grupo dos subfalares do Norte, e os que neutralizam respectivamente em /e/ e /o/ constituiriam o grupo dos subfalares do Sul”¹. Além disso, as quatro realizações de médias pretônicas, [e, ɛ, o, ɔ], apresentam boa produtividade na pronúncia do PB, justificando, inclusive, a diferença de dialetos.

De acordo com Bisol, baseando-se no modelo colocado por Clements (1991), o português constitui-se uma língua de registro terciário (sete vogais - tônicas), que passa para um secundário (5 vogais – pretônicas e postônicas não-finais) e o primário (3 vogais - finais). No registro terciário, estão explicitados os traços relativos à altura por meio dos traços de abertura (aberto em 1, 2 e 3). No registro secundário, há a anulação de aberto 3, responsável pela diferenciação entre as médias fechadas e abertas. No registro primário, o traço anulado é o [aberto 2], que distingue as vogais médias e altas, ou seja, fica-se com um sistema de três vogais: “Em suma, o português brasileiro conta com duas regras de neutralização e não três como se vinha postulando [...] O sistema de cinco vogais tem sua plenitude na pretônica e o sistema de três vogais na átona final” (BISOL, 2003, p. 275).

Quadro 4: Variação para 3 vogais

Altas	/i/		/u/
Baixa		/a/	
	anteriores	centrais	posteriores

¹ Conforme a proposta de Nascentes (1953)

Além da neutralização - fenômeno que, em um determinado contexto, unidades antes distintas perdem suas propriedades opositivas, não promovendo mais uma distinção de significados - observa-se processo de harmonização vocálica, que consiste na assimilação pela vogal média do traço alto da vogal a ela subsequente, como em *menina* (m[i]n[i]na) e *costume* (c[u]st[u]me). No entanto, a variação não se limita somente à harmonização vocálica, no âmbito das pretônicas. Há outros fatores que podem corroborar para a elevação das vogais médias, dependendo do dialeto. No caso da média anterior /e/, em início de vocábulo, a presença de /S/ em contexto subsequente pode levar ao alteamento: [i]squenta, [i]spera, até mesmo quando aparece na sequência “des”, prefixal ou não: d[i]stampar; d[i]sassossego; d[i]spertador; no caso da média posterior /o/, o ponto de articulação das consoantes antecedente (velar, labial) e seguinte (labial): [ku]légio e t[um]ate. No caso de ambas, há a ocorrência de alteamento em contexto de hiato, o que é propício para a formação de um ditongo: t[e]atro ~ t[i]atro; m[o]eda ~ m[u]eda.

2.3 O quadro vocálico do PE

Segue-se a interpretação de Mateus; Andrade (2000), baseada na Fonologia Autossegmental, para descrever o sistema das pretônicas no Português Europeu. Os autores têm por base o padrão culto de Lisboa, ao tratar do vocalismo da variante europeia. Ao descreverem as vogais acentuadas, observam que, diferentemente do que ocorre na variante brasileira, na europeia, além das vogais [i, e, ε, a, ɔ, o, u], nota-se, também, nessa posição, o [ɐ], cujo contraste com [a] “seria apenas aparente, uma vez que [ɐ] tônico é uma realização alternativa de outras vogais tônicas em determinados contextos” (p. 19), conforme os exemplos a seguir:

Ex. 1: antes de consoante palatal (t[ɐ]lha - <telha>; f[ɐ]cho - <fecho>; cer[ɐ]ja- <cereja >;

Ex. 2: antes de glide palatal (l[ɐ]i - <lei>;

Ex. 3: antes de consoante nasal (c[ɐ]ma; c[ɐ]na; m[ɐ]nha).

Portanto, os vocábulos que porventura derivassem de bases com [ɐ] tônico, na posição pretônica, apresentariam [i] (t[ɐ]lha → t[i]lhado; l[ɐ]i → l[i]gal), vogal que também ocorreria em derivados de formas com [e] e [ε] tônicos (s[e]lo / s[ε]lo → s[i]lar)

e que, na fala informal, poderia ser apagado – [slár]. De forma similar, os vocábulos derivados de bases com [o] e [ɔ] tônicos, na pretônica teriam [u], (f[o]rça / f[ɔ]rça → f[u]rçar), o que acabaria com o contraste entre <morar> e <murar>, uma vez que, para os autores, as tônicas [i] e [u] (s[u]bo, v[i]vo) não alternariam com outras vogais em contexto não acentuado (respectivamente, s[u]bir, v[i]ver). Resumindo, na posição pretônica, no português europeu, existiriam dois graus de abertura: três vogais altas – [i, i̇, u] – e uma vogal média [ɐ], que alterna com [a] tônico (p[a]go → p[ɐ]gar).

Em síntese, o quadro das pretônicas em PE revela distribuição diferenciada por série de vogais:

- 1) Na série das anteriores, anulou-se a oposição entre as médias [e, ɛ], havendo redução do quadro para uma vogal alta, central e fechada, [i̇]. Sendo assim, a oposição que antes se fazia entre as vogais [e, ɛ] e [i], faz-se agora entre [i̇] e [i].
- 2) Na série das médias posteriores, a redução atuou de maneira mais profunda. A perda de oposição entre as posteriores médias [ɔ, o] deu-se completamente na direção da vogal alta [u], resultando assim na neutralização entre as médias e a alta, ficando representada somente pela vogal [u]. Exemplificando a situação atual das vogais pretônicas no português europeu, segue o quadro abaixo:

Quadro 5: Pretônicas em PE, segundo Mateus & Andrade (2000)

Altas	/i̇/ /i̇/	/u/	
Baixa		/ɐ/	
	anterior	central	posterior

A explicação para isso se dá ao fato de que, em PE, as vogais pretônicas de algumas palavras, por motivos históricos ou por condicionamentos fonéticos (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 38-39), alguns deles já mencionados acima por Mateus; Andrade (2000, 2008), não sofreram a redução iniciada no século XVIII.

Vê-se, até aqui, que muitas transformações ocorreram ao longo da história da Língua Portuguesa, principalmente, apresentou-se um breve panorama de como se apresentam os quadros pretônico do PB e do PE, de acordo com a literatura atual. Feitas essas considerações, é necessário apresentar a base teórica deste trabalho, que subsidiará

a análise do fenômeno que envolve a vogal média pretônica /e/ nas variedades brasileira e portuguesa.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A fundamentação teórica deste trabalho tem base nos preceitos da sociolinguística postulados nos textos de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (WLH, 2006 [1968]), no livro Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, publicado em 1968, Padrões Sociolinguísticos, publicado por Labov em 1972, e os comentários do livro Sociolinguística, de Izete Coelho, publicado em 2010 pela UFSC. Entende-se que é de suma importância, para um estudo comparativo de duas línguas, neste caso o português brasileiro e o português europeu, levar em consideração fatores para além da língua, principalmente pela pretensão de julgar as diferenças nos dados encontrados. A análise pelo olhar da sociolinguística cumprirá este papel de apontar fatores contribuintes para tais resultados. Antes de ater-se à sociolinguística, precisamente, é necessário que se estabeleçam as diferenças em relação ao estruturalismo e ao gerativismo, e porque a sociolinguística responde a questões postas de lado por aquelas correntes teóricas.

Considera-se que o Curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure seja o precursor da linguística, não que antes não houvesse quem a estudasse, pelo contrário, estudaram-na, mas pela forma como Saussure definiu seu objeto de estudo, estabeleceu princípios e métodos de abordagem, mudou o contexto dos estudos de linguística do século XX, sendo assim, para o estruturalismo, um marco.

Segundo Coelho (2010), estruturalismo constitui-se na corrente de estudos linguísticos na qual se acredita que a língua: 1) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; 2) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. Logo, a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma. Saussure vai além, traz dicotomias que, segundo ele, seriam de interesse para os estudos linguísticos: *langue* e *parole*, sincronia e diacronia.

Ainda sobre as dicotomias, Coelho (2010) ressalta que, segundo os postulados de Saussure, a *langue* é homogênea e social, um sistema de signos, depositado pela prática da fala no cérebro dos falantes, e a *parole* um ato individual de vontade, heterogênea, uma manifestação concreta da primeira, sendo acessória e acidental. Dado isso, o objeto da linguística é a *langue*. A sincronia e diacronia correspondem a duas perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, faz-se um recorte da língua em um momento histórico que pode ser o presente ou passado; na diacronia, a língua é analisada como um

produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável. É a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua. Estabelece, também, a seguinte relação entre as dicotomias: 1) os fenômenos variáveis não são visíveis na *langue*, mas sim na *parole*; 2) a mudança se dá em alguns elementos e é suficiente para que se reflita em todo o sistema; 3) o falante não tem consciência das mudanças que ocorrem entre os estados da língua.

Ressalta-se que, embora tenha definido dessa maneira o objeto de estudo da linguística, admite que a língua seja um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinada comunidade; porém, os *fatores extralinguísticos* são deixados de lado por ele.

Coelho (2010) também comenta que, nos Estados Unidos, a visão formal da língua ganhou destaque, na década de 60, com Noam Chomsky e o gerativismo, segundo o qual a língua 1) é concebida como um sistema de princípios universais; 2) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua, a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, as competências. O que interessa para o gerativismo é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais.

Essas duas abordagens teóricas foram as de maior projeção na linguística. De fato, a concepção estruturalista de Saussure fez muito ao levar a linguística à posição de campo científico, com objeto e método definidos. Chomsky sofisticou ainda mais os objetivos da linguística ao propor que a faculdade da linguagem é um componente universal e inato da espécie humana, cujas regras poderiam ser descritas a partir da análise das construções gramaticais (aceitáveis) de línguas diversas. Contudo, ambas deixam de lado os *fatores extralinguísticos* (históricos, sociais, ideológicos etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma visão pela qual as regras e as relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada da língua. Além disso, por esses postulados, o sistema a ser descrito pela linguística é um construto homogêneo; logo, não são consideradas eventuais variações tão comuns da fala sobre os elementos de uma língua.

A desconsideração dos fatores sociais levou ao questionamento de linguistas como Labov, Herzog e Weinreich, que se posicionaram e propuseram uma nova perspectiva sobre a estrutura das línguas, e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas. Assim, nasceria a Sociolinguística e duas obras são fundamentais para a proposta e a consolidação dessa corrente: o texto *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, publicado por Weinreich, Labov e Herzog (WLH, 2006

[1968]), e o Padrões Sociolinguísticos, publicado por Labov em 1972. A partir desses textos, desenvolveram trabalhos voltados para o estudo da língua em âmbito social, focalizando especialmente a variação fonológica na língua inglesa.

No livro Padrões sociolinguísticos (1972), Labov apresenta uma proposta teórico-metodológica para considerar o que os estudos estruturalistas e gerativistas deixavam de lado: o fator social. Segundo Coelho (2010), Labov criticou o estruturalismo no que tange ao conhecimento da *langue* pelos falantes e à possibilidade de se estudar o aspecto social da linguagem pela observação de um único indivíduo. No entanto, o estudo da *parole* só pode ser feito pela observação dos indivíduos interagindo linguisticamente, ou seja, pela observação da linguagem em seu *contexto social*, sendo ilógico desconsiderar os fatores extralinguísticos. Além disso, criticou a separação feita em dicotomias e a preferência dada aos estudos imanentes da língua.

Em Chomsky, Labov (1972) critica que os estudos considerem que o objeto da linguística seja uma comunidade de fala abstrata, homogênea, composta por um falante-ouvinte ideal – o que para Labov não existe. Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, Coelho (2010) aponta que, para a sociolinguística, a existência da variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato provado. Existe variação dentro da comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. Logo, a busca por julgamentos intuitivos homogêneos é vã. É necessário, para trabalhar com a língua, atentar para os dados de fala do dia a dia, relacioná-los às teorias gramaticais o mais criteriosamente possível, ajustando a teoria de modo que leve a cabo o objeto.

Entende-se, portanto, que o ponto principal da abordagem de Labov, e também Herzog e Weinreich, é a presença do componente social na análise linguística, que segundo Coelho (2010) se preocupa com a relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala, rompendo a relação estabelecida por Saussure entre estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia de outro, aproximando a sincronia e a diacronia das noções de estrutura e funcionamento da língua. A proposta inclui análises de caráter sociocultural, em que se levasse em conta a heterogeneidade de usos a que uma língua é

submetida, valorizando a maneira com que é empregada pelos falantes, inseridos em diversas relações sociais. Tal perspectiva inclui fatores como gênero, idade, escolaridade, além da interpretação do fator tempo e sua importância para a variação e a mudança linguística, focando nas noções de *tempo real* e de *tempo aparente*², tateando pancronicamente, os fenômenos linguísticos.

Pela sociolinguística, a análise da comunidade a ser estudada deve ser o início de uma pesquisa, pois é a partir daí que surgirão as hipóteses iniciais de trabalho. No caso deste trabalho, a comunidade a ser estudada é a de portugueses que vivem atualmente no Brasil e que estejam em contato com o PB há um número considerável de tempo, residentes do bairro de Jacarepaguá, Rio de Janeiro, por razões migratórias, como já foi mencionado. Para tratar os dados, Coelho (2010) expõe que se deve definir a variável dependente, composta de formas linguísticas de mesmo significado em variação na língua, e, depois, as variáveis independentes, grupos de fatores que comportam os parâmetros que explicam a variação ou mudança em curso. Essas variáveis podem ser guiadas por questões de ordem linguística (aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, discursivos) ou extralinguística (sexo, condição socioeconômica, faixa etária, sociocultural do informante; comunidade em que vive). Também é importante que haja a seleção dos falantes, pois é o número de amostra de fala que vai garantir a representatividade em relação à comunidade estudada. Ainda que cada pesquisa tenha seu caráter peculiar e não haja um número definido para falantes e dados analisados, é importante que haja um número mínimo que garanta a representatividade do corpus. Neste trabalho, temos o número de quatro falantes, da 3ª faixa etária (56 anos em diante), recorte escolhido para as análises, sendo dois desses falantes do sexo masculino e dois do sexo feminino.

Este trabalho considera que línguas estão diariamente em contato, e porventura poderá servir de base para outras pesquisas que objetivem buscar os frutos desse contato entre as variantes português brasileiro e português europeu. Sabemos que a história é marcada pela migração de Portugueses para o Brasil, que se estabelecem e fixam laços

² A análise em *tempo real* consiste em analisar um fenômeno linguístico ao longo de um tempo (curto ou longo), considerando: i) os mesmos indivíduos dos quais se extraíram dados por meio de entrevistas anteriormente, o que se chama recontato (uma mudança pode se processar num intervalo de 20 anos); ii) indivíduos diferentes de mesma comunidade linguística alvo da primeira coleta de dados por meio de entrevista. Com isso, observa-se a variação e mudança linguística no indivíduo e na comunidade (item i), ou a variação e mudança linguística na comunidade (item ii). Em se tratando de *tempo aparente*, consiste em analisar o *status* (inovador ou conservador) de um fenômeno, a partir das faixas etárias de seus falantes: os mais novas portariam variantes inovadoras, ao passo que os mais velhos, as conservadoras.

sociais aqui. Pessoas que antes tinham seu contato com uma comunidade de fala portuguesa e que depois vieram a estar em contato com uma comunidade de fala diferente, ainda que ambas atendam pelo mesmo nome. Esse contato, possivelmente, gerou o que Uriel Weinreich chamou de “interferência”, em seu livro, *Languages in Contact*:

A palavra interferência designa um remanejamento de estruturas resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário (WEINREICH, 1953, p. 15).

Sob a luz da sociolinguística e o fenômeno do contato linguístico, sobretudo com um recorte fonético, podemos inferir que a interferência do português brasileiro na vida desses portugueses tenha gerado mudanças de ordem fonética e fonológica, pois com a vivência em uma comunidade de fala brasileira é natural que o contato tenha feito com que traços fossem perdidos e outros logrados. Precisamente, observa-se que, com o contato, a realização de algumas vogais sofreu alteração, com mais efeito a vogal /e/ em contexto pretônico, que será o objeto de estudo dos próximos tópicos.

4. METODOLOGIA

4.1 Lócus de pesquisa

A pesquisa empreendida teve como fonte de coleta de dados portugueses residentes na região de Jacarepaguá. Atualmente, essa região compreende parte dos maciços da Tijuca e da Pedra Branca. De acordo com Araújo (2015), antes da colonização portuguesa, a região era dominada por grupos indígenas e por isso recebeu o nome, em Tupi, *yacaré-upá-quá* que significa “vale dos jacarés” ou “lagoa rasa dos jacarés”.

Segundo Brazão (2019), após a colonização e constante fluxo imigratório de portugueses, previamente comentado neste trabalho, em 1594, o governador Salvador Correia de Sá (1537-1632) – português, natural de Coimbra, ocupou duas vezes o cargo de governador geral do Rio de Janeiro, sendo conhecido no Brasil como um poderoso proprietário de terras e engenhos, pertencendo à família de grandes nomes na história das invasões estrangeiras ao Rio de Janeiro, Mem de Sá e Estácio de Sá.

Uma das terras pertencentes à Correia de Sá era o que compreende, hoje, Jacarepaguá, que foi doada aos seus filhos. Ao longo dos anos, diversos colonizadores se estabeleceram na região, que ficou conhecida como Onze Engenhos, devido à terra fértil e à produção açucareira. Os engenhos principais - considerados como núcleos rurais e que posteriormente, na década de 1980 - se tornaram bairros cuja maior parte da população era portuguesa. Os bairros, ainda hoje existentes, são Pechincha, Tanque, Taquara (que ainda conserva a chácara pertencente ao Barão da Taquara, dono e benfeitor que deu nome ao bairro, como patrimônio histórico) e Freguesia.

O *acervo de municípios brasileiros*, presente na biblioteca do IBGE, que abriga relatos sobre a Baixada de Jacarepaguá datados em 1968, traz o seguinte relato sobre a presença portuguesa nessas terras:

As festas religiosas e procissões induziram a construção das numerosas igrejas e capelas, como a da Nossa Senhora do Loreto e a da Nossa Senhora da Pena, visitadas de quando em quando pela própria Imperatriz na época de D. Pedro II. Ainda hoje são elas marcos arquitetônicos do bairro. Foi alvo de grande crescimento populacional durante a segunda metade do século XX, tendo hoje cerca de 800 mil habitantes, quando por volta de 1950, possuía somente 70 mil.

Hoje, a região é subdividida em bairros, como Pechincha, Tanque, Taquara, Boiúna, Anil, Gardênia Azul, e parte dos maciços da Tijuca e da Pedra Branca. Ainda de acordo com Araújo (2015) e o IBGE, no censo feito em 2010, Jacarepaguá ocupou o quinto lugar

no ranking de bairros mais populosos do Rio, com 158 mil habitantes e, segundo dados da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), a região é a que mais cresceu na última década. O IDH da região, segundo o censo de 2000, é de 0,769, sendo considerada uma região de classe média à classe média alta.

Os bairros da região ainda conservam sua cota de imigrantes portugueses, principalmente idosos, e seus descendentes, cujo estabelecimento após o fim do império se deu pela grande formação de comércios, negócios e comunidades portuguesas, como o “Portugal Pequeno” e o clube dos Portugueses, ativo até os dias de hoje, mantendo a oportunidade de comunhão entre compatriotas e aspectos de sua cultura, uma vez que estão “longe de sua terra natal”, segundo um de nossos entrevistados portugueses.

4.2 O corpus

O corpus é constituído por quatro informantes: dois portugueses residentes no Brasil (Jacarepaguá) há mais de 30 anos, oriundos de Lisboa, e dois portugueses residentes em Portugal (Lisboa e arredores), todos pertencentes à terceira faixa etária (acima de 56 anos).

As gravações com portugueses residentes em Jacarepaguá foram feitas no decorrer desse projeto e têm em média 23 minutos e um conteúdo de aproximadamente 3000 palavras. O inquérito é do tipo DID (documentador – informante – documentador), elaborado com base em perguntas previamente propostas, de modo a elicitare uma fala mais espontânea. Já as gravações com portugueses residentes em Lisboa têm duração média de 30 minutos, com o conteúdo de aproximadamente 6000 palavras, e pertencem ao projeto CORPORAPORT, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Quanto à escolarização, os informantes possuem ensino médio (falantes masculinos) e ensino fundamental II (falantes femininos). A distribuição dos falantes se encontra nos quadros a seguir:

Tabela 1: Dados extralinguísticos

Informante	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Total
Residentes no Brasil	Masculino	56 anos em diante	Ensino Médio	2
	Feminino		Ensino Fundamental II	
Residentes em Portugal	Masculino		Ensino Médio	2
	Feminino		Ensino Fundamental II	
				4

Para a análise dos dados a serem submetidos ao Pacote de Programas GOLDVARBX, consideram-se os seguintes fatores linguísticos, além dos extralinguísticos mencionados acima:

1) Tipo de vogal presente na sílaba seguinte:

Tabela 2: Vogais presentes na sílaba seguinte

[i]	Vogal anterior alta
[a]	Vogal central baixa
[e]	Vogal anterior média

2) Contexto fonológico subsequente

Tabela 3: Consoantes subsequentes

[r]	Vibrantes simples ou múltiplas
[p], [b], [m]	Bilabiais
[k], [g]	Velares
[ʃ], [ɲ], [ɣ]	Palatais

3) Estrutura silábica

Tabela 4: Possíveis estruturações das sílabas

cv, ccv	Sílaba livre
cvc, ccvc	Sílaba fechada

Cumprе destacar que cada conjunto de dados foi submetido separadamente ao pacote de programas GoldvarbX. Adiante, apresentam-se as comparações dos percentuais de realização de cada variante para, em seguida, descrever-se a análise dos fatores condicionadores, segundo as hipóteses formuladas.

5. ANÁLISE

Neste capítulo, apresentam-se os resultados percentuais acerca do uso das três variantes de /e/ sob análise, a saber: média [e], alta [i] e o cancelamento pretônico. Primeiramente, serão expostos os resultados relativos aos portugueses no Brasil para, posteriormente, analisarem-se os referentes aos portugueses de além-mar.

5.1 Análise comparativa das variáveis – Portugueses no Brasil e Portugueses de Além-Mar

Os dados de contexto pretônico, decorrentes das entrevistas, somaram 131 para os portugueses no Brasil e 427 para os portugueses de além-mar. Em vista do número baixo de dados, utilizaram-se duas propostas de análise: uma com base no percentual e outra a partir das variáveis selecionadas na regressão logística do GoldvarbX. Os resultados obtidos serão comparados com as hipóteses levantadas e com o que se destaca na literatura sobre o comportamento das pretônicas. A seguir, ressaltam-se as informações logradas na análise percentual.

5.1.1 Comparação entre as realizações de /e/ por portugueses no Brasil e portugueses de além-mar

Antes de expor os resultados percentuais, é preciso esclarecer que se fará uma análise geral para que um aprofundamento seja realizado na análise das variáveis selecionadas na etapa de regressão logística. Nas tabelas 6 e 7, apresentam-se os resultados das variantes da vogal média pretônica /e/ por portugueses residentes no Brasil e por portugueses residentes na Europa, respectivamente:

Tabela 6: Realização das variantes portuguesas no Brasil

Variantes	Oco.	%	Total
[e]	65	49.6	131
[i]	56	42.7	
ø	10	7.6	

Tabela 7: Realização das variantes portuguesas de além-mar

Variantes	Oco.	%	Total
[e]	129	30.2	427
[i]	180	42.2	
∅	118	27.6	

A primeira análise, a que identificamos as ocorrências das variantes /e/, /i/ e o cancelamento, indica comportamentos opostos entre os portugueses no território brasileiro (doravante PRB) e os residentes na Europa (doravante PRE). Enquanto um grupo tende ao alteamento (42,2% - *m[i]lhor* por *m[e]lhor*) e ao cancelamento (PRE – 27,6% - *pssoas* por *p[e]ssoas*), o outro tende à manutenção da média /e/ em posição pretônica (PRB – 49,6% - *n[e]gocio*).

Mateus; Andrade (2000) explicam que, no português europeu, há a tendência ao alteamento do /e/ que se realiza [i] em posição pretônica, advindo da neutralização entre as vogais médias e a vogal alta, corroborando os resultados mais robustos a nível percentual para [i] de 42.2% (180/427 oco) para os PRE. No que tange ao alteamento, há semelhanças entre os PRB, uma vez que apresentam 42.7% de uso da variante alta [i] (56/131 oco.).

Em contrapartida, o apontamento de Callou; Leite (1995, p. 54) se confirma, uma vez que as realizações das médias em contexto pretônico apresentam boa produtividade no português brasileiro, o que explica o maior percentual de /e/ para os portugueses que estão no Brasil (49.6% - 65/131 oco.) e que por décadas estiveram inseridos na comunidade de fala brasileira.

Observa-se, também, que o cancelamento é a maior discrepância percentual dentre os resultados, uma vez que os portugueses no Brasil apresentaram número consideravelmente baixo de cancelamento, apenas 7.6% das ocorrências (10/131 oco.), apontando que a fala desses portugueses apresenta característica mais conservadora quanto à realização da pretônica, distanciando-se do português europeu na tendência a apagá-la.

5.1.2 Comportamento das realizações de /e/ por portugueses no Brasil e portugueses de além-mar – variável sexo

Segue abaixo a apresentação dos resultados relativos à variável sexo, considerando-se cada variante da vogal /e/ e os grupos de falantes analisados:

Tabela 8: Variável sexo – portugueses no Brasil

Gênero	[e]		[i]		ø		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Homem	47	46.1	45	44.1	10	9.8	102/77.9
Mulher	18	62.1	11	37.9	0	-	29/22.1

A observação dos resultados dos PRB mostra que mulheres tendem percentualmente ao uso da variante médio-alta [e] (18/29 oco. – 62,1% - *conh[e]ceu*) mais do que os homens (47/102 – 46,1% - *com[e]rcial*). Em relação à variante alta [i], os homens (45/102 – 44,1% - *m[i]nima por m[e]nina*) mostram-se mais produtivos que as mulheres (11/29 – 37,9% - *m[i]ninas por m[e]ninas*). Já no que se refere ao apagamento, apenas os homens cancelam a vogal pretônica (10/102 – 9,8% - *døpois por d[e]pois*). Cumpre destacar, em relação a esse resultado, que todos os dados de cancelamento ocorreram no advérbio *depois*. Apesar disso, o cancelamento na fala do informante do sexo/gênero masculino talvez se deva às idades de chegada ao Brasil de cada um. O falante do sexo/gênero feminino chegou às terras brasileiras com a idade de sete anos e completou a alfabetização no Brasil, assim como parte de sua família, enquanto o falante masculino chegou aos 18 anos e já tinha completado os estudos na capital portuguesa.

Tabela 9: Variável sexo – portugueses de além-mar

Gênero	[e]		[i]		ø		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Homem	96	40.2	77	32.2	66	27.6	239/56
Mulher	33	17.6	103	54.8	52	27.7	188/44

Considerando-se neste momento os resultados dos PRE, observa-se um movimento bastante distinto de PRB. Note-se que, em relação à variante [e], os homens são responsáveis por 40,2% das ocorrências (96/239 oco. – *at[e]nção*), ao passo que as mulheres apresentam percentual de 17,6% (33/188 oco. – *r[e]uniões*). Destaque-se, ainda, o equilíbrio no uso da variante zero: tanto homens (27,6% - 66/239 – *prøfessor* por

pr[o]fessor) quanto mulheres (27,7% - 52/188 oco. – *c[u]møcei* por *c[o]m[e]cei*) tendem ao cancelamento pretônico.

Tais resultados revelam que comportamento das mulheres PRB é mais conservador da variante média [e], aproximando do comportamento da comunidade de fala do Rio de Janeiro, cuja tendência é a manutenção da média [e]. Diferentemente, as mulheres PRE se mostram mais inovadoras tanto no uso da variante alta quanto no cancelamento da vogal pretônica.

5.1.3 Comportamento das realizações de /e/ por portugueses no Brasil e portugueses de além-mar – variável vogal da sílaba seguinte.

Segue abaixo a apresentação dos resultados relativos à variável *vogal da sílaba seguinte*, considerando-se cada variante da vogal /e/ e os grupos de falantes analisados:

Tabela 10: Variável vogal subsequente – portugueses no Brasil

Vogal subsequente	[e]		[i]		ø		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Vogais abertas	16	34	31	66	0	0.0	47/35.9
Vogais altas	16	50	16	50	0	0.0	32/24.4
Vogais médio-altas	33	63.5	9	17.3	10	19.2	52/39.7

Quanto às vogais presentes na sílaba seguinte nos dados de PRB, numa análise geral, nota-se que a presença de médio-altas no contexto seguinte condiciona a manutenção da média /e/ (33/52 oco. – 63.5% - *p[e]nso*), enquanto as vogais abertas favorecem a inovação, a saber: o alteamento para [i] (31/47 oco. – 66% - *[i]ngraçada*). Somente a produção de vogais médio-altas propiciou a realização do cancelamento (10/52 oco. – 19.2% - *døpois* por *d[e]pois*). Observa-se também que as vogais altas se distribuem equitativamente para as realizações de [e] e de [i] em posição pretônica (16/32 – 50% - *pr[e]sidente*; *s[i]guida* por *s[e]guida*). Tais resultados mostram que, aparentemente, a variante alta [i] não parece ter por condicionamento o fenômeno de harmonização vocálica.

Tabela 11: Variável vogal subsequente – portugueses de além-mar.

Vogal subsequente	[e]		[i]		∅		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Vogais abertas	42	38.5	58	53.2	9	8.3	109/25.5
Vogais altas	29	26.4	58	52.7	23	20.9	110/25.8
Vogais médio-altas	58	27.9	64	30.8	86	41.3	208/48.7

Em relação à fala de PRE, uma análise geral dos dados percentuais aponta que as variantes pretônicas [i] e [e] estão condicionadas pelas vogais abertas (58/109 oco. – 53.2% - [i]squecer; 58/110 – 52,7% - *porm[e]nqr*). Já a variante zero parecer ter por influência a presença de vogal médio-alta no contexto seguinte (86/208 – 41,3% - *røpøtente* por *repetente*). Novamente, as variantes alta e o cancelamento não parecem estar sob a atuação do processo de harmonização vocálica.

5.1.4 Comportamento das realizações de /e/ por portugueses no Brasil e portugueses de além-mar – variável contexto fonológico subsequente

Segue abaixo a apresentação dos resultados relativos à variável *contexto fonológico subsequente*, considerando-se cada variante da vogal /e/ e os grupos de falantes analisados:

Tabela 12: Variável contexto fonológico subsequente – portugueses no Brasil

Contexto fonológico	[e]		[i]		∅		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Palatal	10	33.3	20	66.7	0	0.0	30/22.9
Alveolar	35	55.6	28	44.4	0	0.0	63/48.1
Tepe ou flepe	12	92.3	1	7.7	0	0.0	13/9.9
Velar	4	40	6	60	0	0.0	10/7.6
Labial	4	26.7	1	6.7	10	66.7	15/11.5

No contexto fonológico subsequente, os resultados dos testes para os portugueses no Brasil e de além-mar foram equilibrados, pontuando tendências similares. Percebe-se a partir dos dados percentuais que PRB continuam conservando a vogal média, principalmente em contextos em que tepe ou flepe aparecem (12/13 oco. – 92.3% - *p[e]rtença*). As consoantes palatais se mostraram as maiores contribuintes para o

alteamento (20/30 oco. – 66.7% - [i][Σ]cola) e as labiais para o cancelamento pretônico (10/15 oco. – 66.7% *døpois* por *d[e]pois*).

Tabela 13: Variável contexto fonológico subsequente – portugueses de além-mar.

Cont. fonológico	[e]		[i]		∅		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Palatal	13	15.3	69	81.2	3	3.5	85/19.9
Alveolar	64	31.8	69	34.3	68	33.8	201/47.1
Tepe ou flepe	36	59	13	21.3	12	19.7	61/14.3
Velar	10	41.7	9	37.5	5	20.8	24/5.6
Labial	6	10.7	29	35.7	30	53.6	56/13.1

O mesmo resultado se dá para os portugueses de além-mar. No que toca ao cancelamento típico do PRE, as consoantes labiais são as maiores favorecedoras de seu aparecimento (30/56 oco. – 53.6% - *[i]videntømente* por *[e]vid[e]nt[e]mente*). Já os tepes e flepes contribuem para a realização de [e] pretônico (36/61 oco. – 59% - *int[e]resse*). As palatais, por sua vez, priorizam a produção de [i] (69/85 oco. 81.2% - *[i][Σ]tive*).

É possível observar que os condicionamentos para as variantes são iguais tanto para a fala de PRB quanto para a de PRE.

5.1.5 Comportamento das realizações de /e/ por portugueses no Brasil e portugueses de além-mar – variável padrão silábico

Segue abaixo a apresentação dos resultados relativos à variável padrão silábico, considerando-se cada variante da vogal /e/ e os grupos de falantes analisados:

Tabela 14: variável padrão silábico – portugueses no Brasil

Padrão Silábico	[e]		[i]		∅		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Livre	45	59.2	21	27.6	10	13.2	76/58
Fechada	20	36.4	35	63.6	0	0.0	55/42

Os testes com a variável *padrão silábico* apontam que, em contextos em que a sílaba é livre, a produção da média ainda é soberana com 59.2% (45/76 oco. – *s[e]paradamente*), para os portugueses no Brasil. Já se a sílaba é fechada, a maior produção é da vogal alta /i/ com 63.6% (35/55 oco. – *[i]ntregue*) O único contexto que

permitiu uma pequena porcentagem de cancelamento, 13.2% (10/76 oco. – *døpois*), foi o de sílabas livres, assemelhando-se aos resultados percentuais para os portugueses de além-mar, onde o cancelamento é de 30.9% (69/223 oco - *acontøcia*) em sílabas livres. A diferença está no alteamento da média. Enquanto para os portugueses no Brasil, as sílabas livres beneficiam a manutenção da média, para os de além-mar beneficiam o alteamento (82/223 oco. – 36,8% - *c[i]r[i]bral*), assim como as sílabas fechadas, que constituem o maior percentual, 48% de vogal alta /i/ (98/204 oco. – *[i]xemplo*).

Tabela 15: variável padrão silábico – portugueses de além-mar

Padrão Silábico	[e]		[i]		ø		Total/%
	Oco.	%	Oco.	%	Oco.	%	
Livre	72	32.3	82	36.8	69	30.9	223/52.2
Fechada	57	27.9	98	48	49	24	204/47.8

As análises apontam para um conservadorismo no comportamento dos PRB, diante de sílabas livres, aproximando-se do comportamento da comunidade de fala do Rio de Janeiro, cuja tendência é a manutenção da média [e]. Para os dados de PRE, há ainda a preferência pelas formas inovadoras, principalmente no que toca as sílabas livres, a saber: alteamento de /e/ para /i/ e cancelamento pretônico. Em ambos os grupos analisados, as sílabas fechadas corroboram o alteamento pretônico.

5.2 Fatores condicionadores da média /e/ - Portugueses no Brasil e Portugueses de Além-Mar

Para a análise da fala de portugueses daqui e d'além mar, analisou-se separadamente cada *corpus*, ou seja, submeteu-se ao pacote de programas GoldvarbX o conjunto de dados de PRB e de PRE.

O programa de regressão logística GoldvarbX selecionou, para o corpus de PRB, as variáveis, na seguinte ordem: *contexto fonológico subsequente e padrão silábico*. O *input* da regra foi 0.515 para os dados PRB, com nível de significância 0.000. Já para o corpus de PRE, o programa selecionou as variáveis *contexto fonológico subsequente, sexo/gênero e vogal da sílaba seguinte*. O *input* da regra 0.259 para os dados PRE, com significância 0.000.

A análise dos *inputs* permite a observação de que a variante médio alta [e] tende a ocorrer na fala de PRB, mas do que na de PRE, confirmando as pesquisas que identificam

a tendência de o português brasileiro preferir esta variante de /e/. Os resultados podem ser evidência de que os portugueses residentes no Brasil estão afetados pelas regras do português brasileiro.

É importante ressaltar que aqui serão revisitadas as hipóteses de que i) há diferenças de realização entre os dois grupos de falantes; ii) há menor variação [e] ~ [i] entre os portugueses imigrantes do que dos europeus, e iii) e há condicionamentos sociais e linguísticos que favorecem a manutenção de [e]. Sabe-se que existem diferentes realizações da média /e/ em posição pretônica, para os portugueses de Além-mar, dada a maior tendência de cancelamento e alteamento, como observado por Batista da Silveira (2014) e Avelheda Bandeira (2019). Além disso, os portugueses no Brasil tendem à manutenção da média, incorporando em seu vocabulário a preservação do padrão cv. Nesta pesquisa-piloto, serão apresentados, além dos resultados em peso relativo, a comparação dos resultados com a bibliografia revisada anteriormente e a confirmação ou não das hipóteses levantadas.

5.2.1 Contexto fonológico subsequente – Portugueses daqui e d'além mar

Para a análise do contexto fonológico subsequente, parte-se da hipótese de que o tepe ou o flepe, assim como as consoantes alveolares tenderiam a favorecer a manutenção da média para os portugueses no Brasil, enquanto as velares, palatais e bilabiais favorecem a produção da vogal alta /i/ e o cancelamento, como apresentado nas análises percentuais. É de grande relevância pontuar que, nas análises de regressão logística, ambos os grupos selecionaram como fator condicionante, o contexto fonológico subsequente. Tem-se a seguir as tabelas com os resultados das análises de regressão logística para pontuar ou não as hipóteses propostas.

Tabela 16: relação contexto subsequente e vogal média – Portugal/Além-mar

Contexto fonológico subsequente	Aplic. /Total	%	PR
Tepe ou flepe (v)	36/61	59	.79
Velar (k)	10/24	41.7	.70
Alveolar (L)	64/201	31.8	.56
Palatal (p)	13/85	15.3	.27
Bilabial (b)	6/56	10.7	.24

Para os dados de PRE, identifica-se um comportamento semelhante ao analisado no parágrafo anterior, em que os tepes e flepes (36/61 oco. – 59% - *int[e]rromper*) com 0.79 de peso relativo, ocupam a primeira posição das consoantes contribuintes para a manutenção de /e/. Há, no entanto, uma inversão no comportamento das consoantes para a produção dos portugueses de além-mar. Enquanto para os PRB, as consoantes alveolares ocupavam a segunda posição de preferência, para os PRE as consoantes velares assumem a posição com 10 de 24 ocorrências (*r[e]conheço*), um percentual de 41,7% e peso relativo de 0.70. Entende-se, portanto, que consoantes alveolares (64/201 oco. – 31.8% - *[i]xageram*) com peso relativo 0.56, palatais (13/85 oco. – 15.3% - *d[i]sculpa*) com peso relativo 0.27 e bilabiais (6/56 oco. – 10.7% - *s[ø]mana*) com peso relativo 0.24, priorizem as formais inovadoras na posição pretônica.

Tabela 17: relação contexto subsequente e vogal média – Portugueses no Brasil

Contexto fonológico subsequente	Aplic. /Total	%	PR
Tepe ou flepe (v)	12/13	92.3	0.95
Alveolar (L)	35/63	55.6	0.56
Palatal (p)	10/30	33.3	0.35
Velar (k)	4/10	40	0.24
Bilabial (b)	4/15	26.7	0.15

Os dados de PRB, embora tenham apresentado pequenas diferenças nas análises percentuais, também apresentaram o tepe ou flepe como grande favorecedor (12/13 oco. – 92.3% - *p[e]rtence*) com peso relativo de 0.95. Em segundo lugar, as consoantes alveolares aparecem como favorecedoras da manutenção da média (35/63 oco. – 55.6% - *com[e]çou*) com peso relativo de 0.56, enquanto palatais (10/30 oco. - 33.3% - *[i]scuta*) com peso relativo 0.35, velares (4/10 oco. – 40% - *s[i]gunda*) com peso 0.24 e bilabiais (4/15 oco. – 26.7% - *døpois*) com peso relativo 0.15 beneficiam o aparecimento de vogal alta ou cancelamento.

Sob carácter comparativo, pode-se concluir que não houve grandes mudanças quanto maior favorecedor, no entanto, houve entre as velares e alveolares, a inversão da ordem de um quadro para outro, mostrando que em níveis mais discretos, os portugueses no Brasil começaram a produzir mais /e/ antes de consoantes alveolares, o que não teria ocorrido se estivessem somente expostos ao português de Portugal.

5.2.2 - Padrão Silábico – Portugueses no Brasil

Acredita-se que, quanto ao padrão silábico, as sílabas com padrão livre, a saber: cv, ccvc, beneficiam a manutenção da média, para os portugueses no Brasil e em Portugal. As análises percentuais apontam para as sílabas livres, nos dados de PRB, como principais favorecedoras da manutenção de /e/, apresentando comportamento previamente esperado. No entanto, nas poucas ocorrências de cancelamento, as sílabas livres foram as únicas que permitiram a sua produção. Já as fechadas, seriam beneficiadoras de alteamento pretônico. A partir da análise de regressão logística, será confirmado, ou não, a veracidade desses resultados. Importante ressaltar que somente o grupo de dados PRB selecionou o fator padrão silábico como fator contribuinte para a manutenção do /e/ em posição pretônica. Tem-se o quadro a seguir com os resultados dos testes:

Tabela 20: relação padrão silábico e a manutenção da média – Portugueses no Brasil

Padrão Silábico	Aplic/total	%	PR
Livre	45/76	59.2	0.67
Fechado	20/55	36.4	0.27

Vê-se nos dados acima que as condições para a manutenção de /e/ pretônico são maiores com sílabas livres com 45 das 76 aplicações (59.2% - *m[e]nor*) e peso relativo 0.67, enquanto fechadas possuem 20 das 55 aplicações (36.4% - *t[e]ntar*) e peso relativo 0.27, um resultado expressivo que pode comprovar a hipótese de que os portugueses no Brasil se aproximam do comportamento que é apresentado na comunidade de fala do Rio de Janeiro, de manutenção da média e que aponta a veracidade das análises percentuais feitas anteriormente. É importante notar a diferença entre os pesos relativos de cada variante, há uma diferença discrepante entre livres (0.67) e fechadas (0.27). Isso indica que entre os falantes portugueses no Brasil, está acontecendo a manutenção do padrão cv como previsto na literatura de base para esta análise (BATISTA DA SILVEIRA, 2014, AVELHEDA BANDEIRA, 2019).

5.2.3 Sexo – Portugueses d'além mar

A análise dos dados do fator sexo, parte-se da hipótese de que mulheres em Portugal inovem mais na produção de alteamentos e cancelamento, por consequência produzem menos /e/ em posição pretônica. Já os homens em Portugal possuiriam uma produção mais consistente da vogal média em detrimento das mulheres. Tem-se a seguir os dados coletados da análise de regressão logística. Ressalta-se que o único grupo a selecionar sexo como um fator contribuinte foi o grupo PRE.

Tabela 18: Relação sexo e manutenção da vogal média – Portugal/Além-mar

Sexo	Aplic/total	%	PR
Homem	96/239	40.2	.63
Mulher	33/188	17.6	.34

Os dados tabelados indicam os homens de além-mar maiores mantenedores de /e/ com 96 das 239 aplicações (40.2% - *ad[e]quado*) e 0.63 de peso relativo. Por outro lado, as mulheres se constituem as grandes inovadoras ao produzirem menos /e/ (33/188 oco. – *conh[e]cíamos*) com índice percentual de 17.6%, indicando maior estabilidade para a produção de [i] e [ø] (*m[i]lhoras/døpende*). Esta análise reforça o já postulado conhecimento de que as mulheres em Portugal produzem uma quantidade expressiva de alteamentos e cancelamentos fonéticos (BATISTA DA SILVEIRA, 2014, AVELHEDA BANDEIRA, 2019), o que leva a crer que as hipóteses levantadas foram confirmadas por esta análise de regressão logística.

5.2.4 Vogal da sílaba seguinte – Portugueses d'além mar

Leva-se em consideração a hipótese de que os portugueses de além-mar tenham o pretônico conservado diante de vogais abertas, como analisado anteriormente. É importante colocar que as vogais altas e médio-altas possuem um índice de incidência de /e/, no entanto, seriam de menor expressividade, dando vez para o surgimento das outras variantes. Segundo a análise de regressão logística feita, somente o grupo de dados PRE selecionou o fator da vogal da sílaba seguinte. Tem-se abaixo o resultado das rodadas:

Tabela 19: relação vogal e manutenção da vogal média – Portugal/Além-mar

Vogal – contexto seguinte	Aplic. /Total	%	PR
Aberta (a)	42/109	38.5	.68
Médio-Alta (f)	58/208	27.9	.47
Alta (t)	29/110	26.4	.37

Os dados da análise de regressão logística mostram que, para os portugueses de além-mar, a vogal aberta é a melhor contribuinte para a conservação de /e/ pretônico contando com 42 das 109 aplicações (38.5% - *at[e]nção*) e peso relativo de 0.68, enquanto as médio-altas e altas têm índices mais baixos, com 58 de 208 das aplicações (27.9% - *dir[e]tor*) e peso relativo 0.47 e, 29 de 110 aplicações (26.4% - *conv[e]ncido*) com peso relativo 0.37, respectivamente. Conclui-se que as duas últimas apresentem maior favor para alteamento e cancelamento da pretônica (*necessidade*). Dado o que foi apresentado nas análises, era esperado o comportamento favorável das médias-altas para o cancelamento ou alteamento, como comentado acima, se deve ao que MATEUS; ANDRADE (2000) pontuaram como uma neutralização da vogal média com a alta, gerando o apagamento pretônico. Vê-se que as hipóteses levantadas à princípio se confirmaram, também, pelo fator da vogal subsequente.

6. CONCLUSÃO

Após as considerações analíticas sobre os dados coletados, chega-se à conclusão, para fins de verificar a confirmação ou não das hipóteses e as finais considerações sobre este trabalho.

Foi dito na introdução e na revisão de literatura, que o português brasileiro apresenta características conservadoras no que se refere a produção de /e/ em posição pretônica. Uma das hipóteses previa que os portugueses que atualmente estão em terras tupiniquins também teriam incorporado essa tendência. No entanto, para a confirmação, era necessário que os dados coletados, por meio das entrevistas com os falantes portugueses no Brasil, apontassem para a direção da manutenção da vogal média, objeto central de estudo.

A conclusão a que se chega, após as análises percentuais e logísticas, é que o fenômeno da variação ocorreu, provando que existem diferenças de realização dos dois grupos de falantes e, atualmente, as produções dos falantes residentes aqui estão mais próximas da variante brasileira. Além disso, essa diferença comprova que há menor variação [e] ~ [i] dos portugueses migrantes do que dos europeus, uma vez que esses mantêm a média na maioria dos casos. Vai-se além ao afirmar que o falante feminino se apresentou ainda mais próximo, atribuindo esse fato aos fatores extralinguísticos, uma vez que o falante relatou estar no Brasil há muitos anos, tendo chegado com sete anos e, por isso, completou sua alfabetização no estado do Rio de Janeiro, exposto à variedade carioca. O falante masculino relatou chegar à idade de dezoito anos ao Rio de Janeiro, já tendo completado o ensino médio em Lisboa. O que nos leva a crer que esses foram um dos condicionamentos sociais que favorecem a manutenção de [e].

Também foi colocado que os falantes portugueses de além-mar manteriam a tendência de alrear para /i/ a vogal média, ou cancelar a vogal e desfazer o padrão silábico. As análises mostraram que, sim, a tendência é mantida. No entanto, um dado importante é o fator extralinguístico sexo apontar que mulheres portuguesas em Portugal, alteiam e cancelam o /e/ pretônico mais do que os homens, sendo elas possivelmente as maiores responsáveis pelas inovações dentro da terceira faixa etária.

Entende-se, portanto, que os propósitos dessa pesquisa foram atingidos, obtendo um percentual elevado de sucesso, pois todos os pontos de análises corroboraram para a comprovação das hipóteses. Além disso, foi possível abrir uma nova porta para os estudos

de variação e contato entre as variantes brasileira e portuguesa e entender como se comportam as pretônicas, nesses casos.

Por fim, esta pesquisa realizada no âmbito da monografia de final de curso traz uma pequena contribuição especialmente no que tange à comparação entre variedades europeias do português utilizadas por falantes residentes na Europa e que migraram para as terras brasileiras.

7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carla. Jacarepaguá, um bairro que se desmembrou em dez. *Multirio – a mídia educativa da cidade*. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/1087-jacarepagua-um-bairro-que-se-desmembrou-em-dez>>. Acesso em: maio de 2021.

AVELHEDA, A. C. *O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análises sociolinguística e acústica*. 2013. 226p. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013).

BARBOSA, Rosana. *Um panorama histórico da imigração portuguesa para o Brasil*. Arquipélago, História, 2ª série, VII, p. 173-196. St. Mary's University, Canadá, 2003.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COELHO, I. *Sociolinguística / Izete Coelho*. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORPORAPORT - *Corpora* de variedades do Português em análise. Disponível em: <<https://corporaport.letas.ufrj.br/>>.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

FRAZÃO, Dilva. Salvador Correia de Sá. *Ebiografia*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/salvador_correia_de_sa/>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biblioteca. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440620>>.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MATEUS, M. H. M *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Parábola, 2006 [1968].

8. ANEXOS

8.1 Questionário de entrevista

I. INTRODUÇÃO

1. Como foi sua vinda para o Brasil? Com quantos anos veio para cá?
2. O que motivou sua vinda?
3. Como foi a mudança para sua família?
4. Seus filhos nasceram aqui ou em Portugal? (Se tiver filhos)
5. Quando veio para o Brasil, morou sempre neste bairro?

II. BAIRRO / CIDADE / VIOLÊNCIA / LAZER E ESPORTES / TRANSPORTE

1. O que você acha do bairro / cidade onde mora? Quais são os pontos positivos e negativos do bairro / cidade?
2. Com tanta violência ultimamente, o que você acha do bairro? O bairro é violento ou tranquilo? Por quê?
3. Você (ou alguém conhecido) já foi assaltado? Poderia contar um assalto acontecido com você ou algum conhecido?
4. Por que a cidade está violenta? O que poderia ser feito para melhorar a situação?
5. Como são as opções de lazer do bairro?
6. O bairro / a cidade tem praças, campos de futebol, teatro, cinema etc.?
7. O que as pessoas costumam fazer nos fins de semana?
8. Como é a Educação na localidade? Como são as escolas?
9. Tem escolas públicas para todos? Quais são os pontos positivos e problemáticos das escolas públicas?
10. E as escolas particulares como são? O senhor acha que as escolas particulares são melhores do que as públicas?
11. Tem hospitais públicos e postos de saúde para todos? Como são os hospitais? Quais são os pontos positivos e problemáticos dos hospitais?
12. Contar alguma experiência que já tenha passado em relação a atendimento médico.
13. Como é o transporte aqui? O que falta para melhorar o transporte?

III. PROFISSÃO

1. Qual é a sua profissão?
2. Como são as atividades diárias da sua profissão?
3. Quais são as principais dificuldades?
4. Quais são as principais vantagens?
5. Está satisfeito com sua profissão?

IV. POLÍTICA / SOCIEDADE / CUSTO DE VIDA

1. O que acha da vida política (local/nacional)?
2. O país está melhorando ou piorando?
3. O que poderia ser feito para melhorar?
4. Como está o custo de vida? O custo de vida aqui é mais alto do que em seu país?

V. FAMÍLIA / RELACIONAMENTOS / INFÂNCIA

1. O que pensa sobre as famílias atuais?
2. O que é melhor: a vida familiar de hoje em dia ou a de antigamente?
3. (Se tiver filhos)
4. Está mais fácil ou mais difícil educar os filhos?
5. O que é necessário para se educar bem os filhos?
6. Por que há tantos filhos desobedientes hoje em dia?
7. (Geral)
8. Contar como foi a educação que recebeu dos pais.
9. Contar uma história da infância.

V. UTOPIAS

1. Quais são seus sonhos em relação à sua vida profissional?
2. Por falar em sonhos, você costuma sonhar ao dormir?
3. Poderia contar algum sonho (interessante/diferente) que já teve.

VI. LINGUAGEM

1. Sentiu alguma dificuldade em se comunicar com os brasileiros quando chegou?
2. Acredita que os portugueses falam um português melhor?
3. Como é a sua comunicação com os brasileiros? Já incorporou coisas do português brasileiro?
4. Você já notou alguma diferença entre a forma de falar das pessoas com quem você convive? Que tipo de diferenças?
5. Você sabe se uma pessoa é de outro lugar pela forma de falar? Me dê uns exemplos.
6. (Se já conheceu outros lugares fora do município do Rio)
7. Você vê alguma diferença entre a fala dos cariocas e a fala de outros lugares do Estado do Rio?
8. Quais os sotaques de que você mais gosta? Por quê? Tem algum de que você não goste. Por quê? Você acha que há sotaques mais bonitos do que outros? Quais são os mais bonitos e quais são os mais feios?
9. Você acha que há lugares que falam português melhor do que em outros lugares? Quais seriam esses lugares?
10. Você alguma vez já tentou mudar alguma coisa na sua forma de falar?
11. Alguém alguma vez tentou fazer você mudar sua forma de falar? Quem foi: pais, parentes, amigos, professores ...?
12. Você acha que muda seu jeito de falar de acordo com a situação em que você se encontra?